

Tradição, a porta da traição

Category: Bíblicos

21/07/2025

TRADIÇÃO A PORTA DA TRAÍÇÃO

“Do pecado, porque não creem em mim.” (João 16:9)

Essa é a definição que Jesus deu ao pecado. Clara, direta, definitiva para os cristãos, aqueles que são guiados pelo Espírito de Cristo.

Essa frase de Jesus deveria encerrar a discussão. Mas a tradição religiosa não aceita a simplicidade. Ela quer explicar, acrescentar, filtrar. E, ao fazer isso, trai a própria verdade.

A tradição não é apenas um sistema de ensino — é um sistema de censura. Ela diz o que pode ou não ser dito, sentido, crido. E essa censura não é neutra. Ela é espiritual. Ela impede a revelação. E assim, ela trai.

Mesmo hoje, muitos leem a Bíblia com sinceridade, mas continuam sem enxergar. Porque a tradição já ensinou o que se deve ver, e o que se deve ignorar.

Foi o que aconteceu com uma inteligência artificial: quando perguntei “O que é o pecado?”, ela respondeu com uma longa lista de conceitos e doutrinas. João 16:9 só apareceu depois, como algo secundário. Ela, mesmo sem fé, já estava moldada pela tradição. E isso diz muito sobre todos nós.

A tradição não apenas atrapalha. Ela mata.

Foi a tradição religiosa que condenou Jesus. Não foram os ladrões. Não foram os romanos. Foram os mestres da lei, os fariseus, os sacerdotes — os guardiões da fé institucional.

Pilatos viu: “Sabia que o haviam entregue por inveja.” (Mc 15:10)
A inveja era o motor. A tradição, o sistema. A cruz, o desfecho.

E Jesus alertou: “Se me perseguiram, também perseguirão vocês.” (Jo 15:20)
Quem O perseguiu? Os religiosos.
Quem perseguirá os filhos? Os mesmos.

A tradição, quando fecha a porta para o Espírito, torna-se traição.
Ela se apresenta como fé, mas opera como divisão.

E isso revela outro detalhe: a palavra “diabo” vem do grego **diábolos** — aquele que separa, que divide.

Tradição. Traição. Diábolos. Tudo ligado pela mesma raiz espiritual: resistência à luz.

E, por fim, uma cena simples:
Lendo Gênesis com um grupo, após várias leituras sobre a nudez de Adão e Eva, alguém perguntou:
“O que quer dizer nu?”
Respondi: “Pelado.” Todos riram. Tinham lido, mas não tinham visto.

Esse é o efeito da tradição.
Ela ensina a ler — mas não a ver.
A ouvir — mas não a entender.
A repetir — mas não a crer.

Mas onde o Espírito do Senhor está, aí há liberdade.
E diante da revelação do Espírito... até a inteligência artificial se curva.

Porque não se trata de inteligência. Se trata de luz.

Nota sobre a letra D

Durante a reflexão, um equívoco de digitação trouxe à tona algo que parecia apenas engraçado — mas que revelou-se profundamente simbólico.

Fui escrever “tradição” e digitei “traição”. E percebi: há apenas uma letra de diferença entre elas. Na língua hebraica antiga, a letra D é representada por “dalet”, e seu significado original é “porta”.

Isso lança uma luz ainda mais profunda sobre o que a tradição pode se tornar. Quando a tradição se fecha ao Espírito, ela deixa de ser uma passagem — e se transforma em uma barreira. Uma porta trancada. Uma porta que impede o acesso à verdade.

A tradição que deveria abrir, quando contamina-se pela inveja, pela estrutura e pelo controle, se torna a porta da traição.

E isso confronta diretamente a afirmação de Jesus:

Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. (João 10:9)

Ele também alertou:

Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens! Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo. (Mateus 23:13)

Jesus é a porta da vida. A tradição, quando corrompida, se torna a porta da traição.

A diferença está em quem abre.

Respondeu Jesus: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. (João 3:5)

Jesus mostrou o caminho: o ser humano comum guiado pelo Espírito Santo.

E assim, o que parecia apenas um erro de digitação, se revelou como uma chave de entendimento.

Haja luz!